

52

HA UMA CASA VASIÃ

BEATRIZ BANDEIRA

T. Louche
a/11/28

A noite era negra e o vento soprava, sacudindo as janelas, com nivos tão tremendos e angustiados, que era como se um bando de loucos estivesse gemendo na noite. Nós nos encolhíamos, gelados, no silêncio do apartamento. Foi quando, alguém que chegava, quebrou o silêncio e tornou mais gelado o frio do inverno e mais angustiada o uivar do vento...

"EUGENIA MORREU"

É o espanto e a dôr se abriram em nossos rostos, porque com a morte de Eugenia perdíamos uma das maiores Companheiras, porque com a morte de Eugenia perdíamos a Amiga que sabia ser irmã mais velhas de todos os jovens, maternal e acolhedora. Porque com a morte de Eugenia era como se morresse um pouco a própria Vida.

Todos, consternados, comentávamos com tristeza o fato brutal que nós recusávamos a crer. E, ainda, uma voz falou: aquela casa vai ficar vasia... Eugênia é quem enchia, com seu dinamismo, com sua maneira simples de pôr os amigos á vontade, como na própria casa, com sua intelligencia penetrante e séria.

De fato: há uma casa vasia na rua Xavier da Silveira. E ninguém nem coisa alguma poderá, no mundo apagar a deso-

lação, a dor, o luto que deixou a ausencia irremediável le Eugênia. Feliz e glorioso foi imaginar Eugênia morrendo lentamente, definhando em um leito como um ser qualquer. Morreu como heroína e lutadora que foi. Morreu como artista e mulher forte que era. Seu generoso e imenso coração, subitamente rentou cansado. Cansado de lutar sem treguas, sem covardias sem vacilações pela Justiça e pela Liberdade. E Eugênia que era forte e boa, qual árvore de muita sombra, caiu como aquelas árvores que tantas vezes vi cair, quando menina, com um aperto na alma, abraçada á Terra. E eu imagino que nesse dia um sol de primavera se esboçava na madrugada de inverno do Rio.

Eugênia: quando eu te vi pela primeira vez, declamavas com tua voz cheia de ressoancias dramáticas, um poema revolucionário em um ditante suburbio do Rio. Mas eu te vi apenas e não te conheci. Eu via diante de mim a mulher de personalidade inais discutida, talvez, dessa nossa cidade-aldeia. Antes, a lenda surpresa ou malévola disse-me que eras uma artista que declamava e trabalhava no teatro, que fumava impertinentes charutinhos Pooch, usava uma pulseira no tornozelo, uma agressiva, espessa e negra franja e um saguizinho no hombro. Eras

estranha e diferente e muita gente não te podia perdoar isso. Depois, no decorrer de nossa luta é que fui te conhecendo. Descubri com surpresa e alegria, a outra Eugênia, a dos compaheiros, dos amigos da familia. E pude vêr com que seriedade Eugênia encarava e discutia os problemas do Povo. Com que entusiasmo e dedicação militava no Partido da classe operaria e do povo, com que carinho de todos os instantes animava e colaborava com Alvinho — esse querido e inconsolavel Alvinho — que agora, mais que nunca, se assemelhará a uma triste coruja solitaria. Com que paciencia e capricoso gosto bordava os vestidos da pequena Colette, da Rosa e da Isa. De que maneira milagrosa sabia dividir o tempo, entre as ocupações do Radio, do Teatro e do Partido com os cuidados dos filhos e da casa, sempre cheia, onde os amigos podiam chegar a qualquer momento, ocupar a grande mesa da varanda e comer dos saborosos pratos, que tambem eram feitos por ti. Eu que passei algum tempo em tua casa, levada pela tua amizade construtiva e protetora, e, muitas vezes, adormeci ouvindo o canto de tua maquina de escrever e, menha cedo despertei, com o mesmo canto, no tempo em que datilografavas para o Alvaro que sofrera um acidente, a tradução

X Felix e guiso foi o seu Destino. sua vida foi grande e sua morte bela. Porque nã se poderia imaginar

(Continua na 2.ª pag.)